

# INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO BRASIL:

ENTREVISTA COM CELINA ALBANO

**LUCIANA GUIZAN AURELIANO**, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL.

Arquiteta urbanista pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

E-mail: guizan@gmail.com

**SERGIO ANTÔNIO SILVA**, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL.

Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG e professor da Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais.

E-mail: sas.sergiosilva@gmail.com

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i24p206-219>

## INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO BRASIL: ENTREVISTA COM CELINA ALBANO

LUCIANA GUIZAN AURELIANO, SERGIO ANTÔNIO SILVA

### RESUMO

No ano em que se completam os quinze anos da publicação da obra *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*<sup>1</sup>, entrevistamos uma das organizadoras desse livro que logo se consagrou como uma referência para a área, a socióloga Celina Albano. Graduada em Sociologia Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, com mestrado pela mesma instituição e doutorado em Sociologia pela University of Manchester, Inglaterra. Desde 1995 está aposentada como Professora Adjunta pela UFMG e atualmente integra a Comissão da Verdade (COVEMG), que trabalha na apuração da violação aos direitos humanos durante o período militar brasileiro. Entrevista realizada em Belo Horizonte, em 31 de maio de 2017.

### PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio – Brasil. Relato de experiência. Preservação do patrimônio.

1. ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris. *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

***Celina, primeiro gostaria que você nos contasse sobre sua formação.***

Eu me formei em Sociologia Política na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e logo em seguida entrei para o mestrado em Ciências Políticas, no PCP<sup>2</sup> na UFMG. Aí eu fiz concurso e comecei a dar aula no curso de Ciências Sociais da FAFICH<sup>3</sup>, na parte de Sociologia, especialmente Sociologia Urbana. Eu dava Teoria Sociológica, Sociologia Urbana. Depois fui para a Inglaterra fazer um doutorado na área de Sociologia, aqui ainda não tinha doutorado em Ciências Sociais. Minha pesquisa foi sobre a cidade industrial de Contagem<sup>4</sup>, defendi a tese, voltei para cá e fui assumir de novo a cadeira das disciplinas de Sociologia.

***E a Inglaterra, foi uma escolha?***

Olha, foi meu sonho, pois desde menina eu sonhava com *Alice no País das Maravilhas*, *Rei Arthur* e a *Távola Redonda*, eu lia todos os romances. Então, na época foi um avanço, porque eu fui para a Inglaterra contra a corrente geral, que era a França. Eu amava a França, falava francês muito bem, mas para a Inglaterra eu tinha ido uma vez e caído de amores. Aí consegui, via

2. Programa de Pós-graduação em Ciência Política.

3. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

4. ALBANO, Celina. *The making of a Brazilian industrial city: the experience of Contagem*. 1980. 320f. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of Manchester, Manchester. 1980.

Fundação Ford. Estranho é que uma das pessoas que me ajudou muito foi o Fernando Henrique [Cardoso], ele tinha sido meu professor.

***Tinha uma linha francesa?***

Tinha uma linha francesa e outra americana. Tanto é que tentaram me mandar pro México. Eu fui até lá num seminário com o Fernando Henrique e outros cientistas, foi muito interessante, pois quando cheguei ele falou: "vamos te levar para conversar com o presidente da Sociedade de Sociologia". Naquela época, Ciência Política eu sabia na ponta da língua. Na verdade, eles estavam criando pela primeira vez um doutorado na área de Ciências Sociais. Fomos almoçar e depois de conversar muito, ele falou: "Gostei demais de você, mas você não vai se dar bem aqui no México. Você é uma pessoa muito livre, muito independente, você é uma mulher que não se enquadra no modelo mexicano (risos), você vai ter muita disputa, muita luta". E eu não queria ir pros EUA, tinha uma turma de amigos que já estavam em Stanford, professores meus que vieram de Harvard, naquela época o curso de Ciências Políticas era muito internacional, tinha muito dinheiro da [Fundação] Ford. A nata das Ciências Políticas vinha aqui dar aula para a gente.

***E havia esse interesse pela América também.***

Isso, era dessa época a Aliança para o Progresso, aquela coisa toda, chamava muito a atenção. A América Latina tinha muito peso, a questão de Cuba e os governos militares chegando. Então eu falei: para os EUA eu não quero ir de jeito nenhum. Eu queria aproveitar um pouco mais do que só escrever uma tese. França era "censuradíssima", a esquerda toda do mundo passava por lá e tinha tido maio de 68 e tal. Aí fizeram um acordo comigo: tudo bem a Inglaterra, mas não Londres. Concordei e me mandaram para Manchester, que hoje está na moda. Fui para lá e me dei muito bem, foi uma experiência única. Eu aproveitava muito em Manchester. Além do mais era tudo tão perto, de trem, que eu ia de quinze em quinze dias para Londres passar o fim de semana. Mas eu queria morar lá. Aí ele deixou, fiz a tese, vim ao Brasil, assumi as aulas para ficar aqui fazendo a pesquisa e em março de 80 cheguei ao Brasil prontinha.

Nessa época também surgiu a questão da Sociologia da Cultura, comecei a trabalhar com movimentos de mulheres e a criar umas cadeiras

sobre gênero, lá na FAFICH. Foi muito interessante esse período, a gente tinha um grupo muito bom, nós estudávamos muito. Aí em 87 eu recebi um convite, por causa da minha atuação no movimento feminista, e fui trabalhar no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Era um órgão novo no Ministério da Justiça onde a gente trabalhou basicamente as reivindicações femininas para entrar na Constituição de 1988. Passei um ano em Brasília trabalhando e quis voltar para Belo Horizonte.

### ***Você é daqui?***

Sou. Nascida no Hospital São Lucas (*risos*), morei a vida toda na Savassi [bairro]. Meus pais também, por coincidência, eram nascidos em BH, então eu era uma coisa assim, bem peculiar, do ponto de vista mineiro. Belorizontina mesmo. Ah, teve uma outra fase aí, desde a pós-graduação, sempre amei cinema, era minha paixão total. Fui crítica de cinema do [Jornal] *Estado de Minas*, passei dois anos e meio escrevendo, Caderno Dois, eu era a única mulher lá. Sempre fui uma pessoa muito ligada à área de cinema aqui, fui aluna do CEC,<sup>5</sup> participava de pequenas filmagens, cineclubes, fazia tudo o que tinha que fazer nessa área<sup>6</sup>.

Então, em 1991 fui convidada para ser Secretária de Cultura do Estado [de Minas Gerais], no segundo governo Hélio Garcia, e fiquei quatro anos. Aprendi como nunca na vida, foi aí que começou a minha relação com a questão do Patrimônio. Eu via que era uma coisa grave, séria, e eu tinha uma amiga que tinha ido para a Inglaterra fazer um mestrado<sup>7</sup> na área. A Stela<sup>8</sup> tinha sido minha aluna! Ela foi professora na FAFICH durante um ano.

### ***Vocês duas eram professoras da UFMG?***

A Stela foi professora substituta, não fez carreira. Quando eu cheguei da Inglaterra, ela já nem morava em BH. Quando eu fui para Brasília, nos reencontramos, éramos muito amigas. Acho que ela foi influenciada,

5. Centro de Estudos Cinematográficos.

6. ALBANO, Celina. *Cine Pathé*. Belo Horizonte: Editora Conceito, 2008.

7. MURTA, Stela Maris. *Heritage Interpretation and Urban Revitalisation: the case of Halifax*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Oxford Brookes University, Oxford, 1992.

8. Socióloga, trabalhou como consultora de cultura e turismo em projetos de educação para o turismo e reabilitação de áreas históricas urbanas para empresas e instituições como os Ministérios do Turismo e da Cultura, Iphan, Embratur, SEBRAE e *British Council*.

teve vontade de sair do ambiente da Câmara e conseguiu uma bolsa para a Inglaterra. Quando ela voltou, em 92 ou 93, eu já estava na Secretaria de Cultura fazendo um seminário em diferentes regiões do Estado. Foi uma coisa que me impressionou muito, logo que eu assumi, a questão do Patrimônio era muito séria. Eu ia para uma cidade e me falavam: "Ah, Secretária, você me desculpe, mas aqui a gente não tem nada de Barroco, a gente não tem nada de Patrimônio". Falei: Como? A sua cidade tem muita coisa! Só o Barroco é Patrimônio? E eu ficava muito impressionada com isso, dessa necessidade de falar "olha, eu não tenho nada para te mostrar", e eu aqui, vendo coisas interessantíssimas!

Na época do Bicentenário do nascimento de Tiradentes, isso foi em 91, 92, nós fizemos várias ações em cima do tema Bicentenário e Cidadania. E nisso fizemos vários shows, livros, teatros, exposições. Então eu falei: se tem algo que a gente tem que fazer é levar o que puder para o interior do Estado. E aí muita gente me procurou e eu assumi o compromisso de fazer o possível para levar uma série de ações para o interior. E essa exposição, esse trabalho com Tiradentes, foi uma das coisas. A gente não tinha muito dinheiro, não tinha Lei Rouanet, o patrocínio era assim, no gogó, do governo, da Fiat mesmo.

#### ***Não tinha nenhum mecanismo de patrocínio?***

Não tinha nada. Aí nessa situação, eu fiquei preocupada com esse negócio de Barroco. "Gente, nós temos que ver o que podemos fazer para esse pessoal que nunca viu o Barroco". Então bolamos uma exibição itinerante, só para lugares que nunca tinham visto Barroco. Só podia ir lá para o norte de Minas, lá para Pedra Azul, o triângulo lá embaixo, só naquelas cidades. E a exposição foi um sucesso. Chamei as diretoras, as Secretárias de educação municipal, todos que eram ligados à educação. Foi um negócio muito gratificante, eu recebia cartas de meninos de escola, lembro até hoje deles escrevendo: "Como gostei dos cachinhos dos anjinhos do Barroco (risos)".

#### ***Em geral essas Prefeituras também não têm Secretaria de Cultura?***

Não, geralmente eram várias Secretarias junto com a Educação. Foi interessantíssima essa experiência. Então eu fiquei muito preocupada com essas questões, aí a Stela veio com a pesquisa dela, entrei em contato

com o pesquisador (orientador), o Brian Goodey<sup>9</sup>, que trabalhava com Interpretação do Patrimônio, era uma coisa nova. Assim começamos a conversar e quando eu saí da Secretaria, ela pediu que eu ajudasse a fazer esse texto, esse livro<sup>10</sup>. A ideia era ter quase que um manual.

Então eu falei: vamos escolher Ouro Preto como estudo de caso, que era fácil porque eu era muito amiga do Ângelo Oswaldo [de Araújo Santos], ele era prefeito na época, no primeiro mandato. A gente fez esse primeiro trabalho, eu conheci o Brian, ele veio ao Brasil. E através desse trabalho, Stela e eu abrimos um escritório que se chamava Território Brasilis Consultoria. A gente fazia trabalhos para as Prefeituras e trabalhava muito com o *British Council* fazendo toda essa linha de interpretação. Eles tinham uma turma que trabalhava com interpretação em Recife<sup>11</sup> e a gente aqui. Então a chegada da interpretação foi isso. Trabalhamos Tiradentes, Ouro Preto, São João del-Rei, a costa da Bahia toda.

***E vocês fizeram essa consultoria durante quanto tempo?***

Ah, uns oito anos, mas também nesse meio tempo eu comecei a trabalhar como consultora externa do Banco Mundial. Eu trabalhava na área do México, era América Central e Caribe, e pegava o México, esses países.

***Então voltou ao México.***

Voltei ao México! Passei anos e voltei, adoro o México. Engraçado que lá eu fiz muita coisa na área de educação, trabalhei muito lá no Chiapas, Oaxaca, com seminários e tudo. É encantador aquele Patrimônio arqueológico que eles têm.

***E nesse método especificamente, como era exatamente o trabalho?***

A gente fazia um levantamento, mostrava como podia valorizar as atrações turísticas. Nessa época eu trabalhei muito com o FAT [Fundo de Amparo ao Trabalhador], eram cursos para formação de mão de obra. A gente trabalhou

9. Professor Emérito em Urban Landscape Planning na Oxford Brookes University.

10. ALBANO, Celina. Um plano interpretativo para Ouro Preto. In: MARIS, Stela; GOODEY, Brian. *Interpretação do Patrimônio para o Turismo Sustentado: um guia*. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 1995.

11. BATH, Brian; GONÇAVES, Paula. Interpretative Planning as a Means of Urban regeneration: Recife Brazil. In: SMITH, Melaine. (ed.). *Tourism, Culture and Regeneration*. Wallingford: CABI Pub, 2007.

demais na parte de turismo, as Prefeituras chamavam a gente, trabalhamos e viajamos muito pelo interior de Minas. Eu me lembro de alguns lugares assim, fantásticos. Fora isso, também comecei a levar a Universidade [UFMG], trabalhei no Festival de Inverno, nós levamos essas ideias. No Banco Mundial também pus em prática esse tipo de trabalho. Em Honduras, eles têm uma área de cultura assim, de babar, que as pessoas não conhecem. A costa do Caribe, o que eles falam do mundo Maia, é fantástico. Na Guatemala, em Honduras, Belize, essa parte toda. Eu trabalhei muito em Honduras e lá eu realmente voltei a trabalhar com a área de Patrimônio. Era uma pobreza total, aí trabalhei muito com isso.

### ***Isso através do Banco Mundial?***

Isso, fizemos grandes projetos. No México trabalhei também com um projeto grande de desenvolvimento do Turismo na Costa do Caribe, onde tem a segunda maior barreira de coral do mundo, um negócio fabuloso! Teve esse lado do Patrimônio Maia, tem um outro também em Honduras. Ah, quando eu estava na Secretaria de Cultura do Estado [MG], fiz um programa que ficou sensacional. Era o Senso Cultural de Minas Gerais. Foi o primeiro e único senso, foi um trabalho maravilhoso (1994). Nessa época não havia essa quantidade de municípios. Fizemos o levantamento e foi fantástico, as prefeituras se mobilizaram, era uma forma deles se conhecerem. A gente mandava equipe do IEPHA [MG], da Fundação Clóvis Salgado. Toda a parte técnica do sistema de cultura ia para levantar, ajudar. A gente levantava [o número] as salas de teatro, ginásios, a parte de meio ambiente também era muito forte, os parques etc. Esse trabalho foi muito bem-sucedido. E em 95 resolvi aposentar da Universidade e trabalhar só com a consultoria na Território Brasília e no Banco Mundial.

Ah, em Honduras nós fizemos um trabalho muito legal, um museu das crianças. Na América Central em geral, não no Brasil, havia a cultura dos *Museos del Niños*, nos EUA também tem os *Children Museums*. Naquela época já começava lá uma crise grave social. Então esse museu foi muito interessante, principalmente em El Salvador, onde começava um movimento que hoje tem dimensões catastróficas. São as Maras, gangues, grupos de adolescentes delinquentes que provocam violência. E uma das nossas questões era como chamar a atenção dos meninos, fazer coisas voltadas para a



formação das crianças. Lá o que a gente aprendeu muito foi a questão da migração. As próprias famílias querem que as pessoas saiam do país, pois é a forma delas entrarem no mundo de consumo. Eu conversava muito com jovens, fazia entrevistas e perguntava: qual é a maior aspiração da sua vida? *Ir me a los Estados*. Eu me lembro bem dessa frase, todos queriam. Aqueles que tinham pais nos EUA tinham um *status* diferente diante dos outros amigos porque recebiam casaco de couro, de jeans, de não sei o quê. Isso num país que era muito pobre.

### ***E a política também conturbada.***

Nossa, uma coisa horrorosa. Eu peguei El Salvador depois da pacificação, já não tinha guerrilha nem nada. Honduras tinha um presidencialismo bem autoritário. E eu peguei o México, aí foi interessantíssimo, já com o comandante Marcos, que era a guerrilha que se estabeleceu nessa parte do país, o reduto Chiapas, mas tinha algumas implicações, era o movimento socialista.

Era uma situação muito interessante, a questão da cultura indígena que aqui nós não dávamos o mínimo valor, eu aprendi muito nesses lugares. E aí fiquei aqui trabalhando, dando conferências, sendo chamada aos lugares. O Brian Goodey sempre vinha ao Brasil nos dar apoio, eu fui à Inglaterra em uma viagem que o *British Council* patrocinou, a gente viajou pelo interior para conhecer experiências novas e trazer para cá alguns exemplos.

### ***E aqui no Brasil, alguém continuou dentro da Universidade?***

Não, eu já tinha aposentado. A gente montou vários cursos, foi a Território Brasilis que montou o projeto do curso de Graduação em Turismo da UFMG e da PUC-MG (1996).

Depois fui chamada pela Prefeitura de Belo Horizonte, em 2001, para ser Secretária de Cultura. Consegui reformar a Casa do Baile, mudar o Museu da Pampulha<sup>12</sup>, que era aquele museu meio abandonado. Mudamos o conceito do MAP, criamos a Bolsa Pampulha, foi um marco. Eu tinha uma turma boa dentro do Patrimônio, é uma área muito visada e ao mesmo tempo não tem recurso quase nenhum. É uma situação bem difícil.

12. Museu de Arte da Pampulha - MAP, integrante do Conjunto Moderno da Pampulha.

***As dificuldades são muitas, há outros interesses imobiliários, financeiros.***  
Há outros interesses, justamente. Então, é muito difícil, só algumas cidades despontam. Eu lembro quando fui ao Maranhão, em São Luiz, eu tive vontade de chorar quando que vi aquele Patrimônio. É uma coisa muito triste, muita pobreza. Mas a pobreza não é a predadora. É o que eu penso, a pobreza poderia lucrar demais com o Patrimônio, mas a maneira como é a elite brasileira, como o poder público trata, não enxergam esses benefícios. Você vê agora, “*vamos detonar a Cracolândia*”<sup>13</sup>, não querem nem saber, passam o trator. E não vão resolver a questão da droga com trator.

Por exemplo, uma cidade em que morei, Manchester. Fiquei vinte anos sem ir lá e voltei quatro anos atrás. Você não acredita! Aquela cidade escura, paupérrima, virou uma metrópole fantástica. Lamentei muito o que aconteceu lá<sup>14</sup>, pois é uma cidade de que as pessoas gostam, não é aquele gigantismo de Londres. Então você tem uma vida cultural excelente e vê a cidade crescer na sua frente.

***Saindo do circuito europeu, você consegue citar algum outro país que tenha se posicionado de uma maneira mais positiva?***

O México, com certeza. E lá tem uma pobreza, uma violência barra pesada, né? Eu acho o México um país fantástico, a riqueza cultural é maravilhosa. Mas acho que a questão cultural é mais do que simplesmente ter lugares bonitos, não é só contemplação. Você tem que valorizar, tem que tratar, tem que manter, você tem que criar bons espaços. Congela a paisagem? Não cria mais nada? Buenos Aires está com esse problema, a Argentina tem que dar um jeito, pode perder muito. A cidade de Buenos Aires é tão poderosa que ela apaga as outras. Córdoba é uma cidade fantástica, na Terra do Fogo tem coisas incríveis. Mas agora já estão percebendo que têm que ir para as províncias, a coisa do vinho expandiu, lá para Mendoza e aquela região toda. Então o México tem a Cidade do México, mas tem outros lugares também, Oaxaca, essa península, esse mundo Inca, mundo Maia, é muito forte. Eu acho o artesanato mexicano muito melhor do que o nosso. É muito rica a cultura indígena! O que nós não valorizamos na nossa cultura indígena,

13. São Paulo – SP.

14. Referindo-se ao atentado terrorista de maio de 2017.

gente? Eles não. Eles estão empenhados. Trabalhei muito com o artesanato lá, aprendi muito vendo essa diferença.

***Você acha que, quando você começou na Secretaria, quando se envolveu com o Patrimônio de MG, você era mais otimista do que é agora?***

Ah, total! (*risos*) Até escrevi textos sobre Patrimônio, dois textos meus foram muito usados. Eram sobre a Praça da Liberdade (Belo Horizonte), mostrando os tempos, as feiras da Praça, o Patrimônio do entorno, nós fomos os primeiros a falar sobre essa fusão do moderno com o eclético<sup>15</sup>. Não posso me esquecer de um caso. Uma vez eu estava no MAP e tinha uma exposição do Vik Muniz, aquela dos quadros com chocolate. Então chegou uma escolinha, os meninos lá encantados e eu falando, vamos lá chegar. Aí de repente chegou uma menina e falou assim: *Nossa, a senhora é dona disso tudo aqui?* Eu respondi: *eu não. Eu, você, esse aqui, seu amigo. Como? Eu sou dona daqui?* Eu falei, *você é dona daqui como eu.* E a menina ficou, numa felicidade. Para ela o mundo era diferente, entendeu?

Houve a maior reação contra a gente, nós trouxemos curador de fora, foi uma revolução. Mas aqui também havia, por exemplo, artistas mineiros que nunca tinham sido exibidos. Sei que nessa época chamamos um pessoal bom. E hoje acho o Inhotim uma coisa fora do comum e que orgulha todos de Minas. Vejo o Inhotim como uma coisa que deslanchou.

***E foi para um município que aparentemente era para dar errado.***

Por isso eu falo, para fazer dar certo você tem que ser visionário, não ficar atrelado. A gente quebrou as amarras do MAP. Durante quatro anos vieram muitos artistas e eles faziam fila para apresentar na Pampulha. Porque era uma marca, um grife. E hoje o Inhotim é uma coisa assim, fabulosa.

***Dentro da sua experiência de consultoria, existe algum caso que você acha que foi mais bem-sucedido?***

Olha, Tiradentes foi um município mineiro que teve muita sorte (*risos*). Teve um destino bem-sucedido, quando entrou a Fundação Roberto Marinho,

15. ALBANO, Celina; LEMOS, Celina; WERNECK, Nisia; MENICUCCI, Telma. A cidade na Praça: Poder, Memória, Liberdade. *Textos de Sociologia e Antropologia*, Belo Horizonte, n.3, v. 8, p. 1-60, set./out. 1985.

através de uma presidente dela que chamava Yves Alves. Trabalhei com ele no município, na época da Secretaria de Cultura do Estado, ele simplesmente lançou a cidade. E Tiradentes hoje é uma grife bem-sucedida.

***Sobre o trabalho que vocês fizeram em Tiradentes, foi um planejamento interpretativo?***

Foi, a sinalização interpretativa, tem muitos anos. Já São João del-Rei foi uma situação difícil pois a cidade queria ser uma cidade Barroca. E nós mostramos que ela tinha um patrimônio, um acervo de eclético, *art déco*, muito importante, que eles estavam deixando se perder. Nossa foi uma batalha para convencer! Então foi uma cidade muito difícil porque tinha a questão das classes de renda mais baixa odiarem o patrimônio, lá tinha isso por causa da elite, entendeu?

Tem um caso muito interessante que passei, foi quando o prefeito quis asfaltar toda a Rua Santo Antônio e eu tive que ir lá para resolver a questão. Foi a Globo, a Manchete. E quando chegamos, eu lembro bem, o prefeito tinha pagado para as donas de casa para irem batendo panela: "Abaixo o Patrimônio, queremos o asfalto!"

***Bater panela já era uma tradição.***

Já era uma tradição, e olha, isso foi quando? 1993. Eu não esqueço: *Abaixo o Patrimônio, queremos o asfalto!* Claro que a gente impediu, entendeu? Então São João é uma cidade, como Ouro Preto, que criou uma antipatia muito grande. Mas acho que Tiradentes foi um bom caso.

***Tiradentes e Inhotim foi onde a iniciativa privada entrou, certo?***

É, Inhotim é muito interessante. Lembro uma coisa me chamou atenção também, quando eu estava no México. Recomendaram que eu fosse em um museu de arte moderna de uma mulher, a Dolores Pati. Ela criou numa zona muito pobre, na cidade do México, um museu fantástico! E não esqueço que as pessoas falavam: "O Inhotim não tem como, quem que vai lá? Quem passa em Brumadinho?" Falei assim, "conheço um lugar no México que foi justamente assim". Olha, os equipamentos culturais têm condições e força, quando bem divulgados e bem administrados, de levantar uma área.

***É uma linha muito tênue entre potencializar uma característica e transformar em um cenário.***

É claro, o Pelourinho foi isso. Não deu certo porque expulsaram as pessoas. Eu frequentava o Pelourinho, daqueles “barra pesada”, adorava ir para lá. E foi plastificado, boutiquezinhas e não sei o quê, e deu no que deu. Então corre esse risco.

***E como foi a organização desse livro, foi a partir da experiência de vocês?***

A gente queria também trazer experiências de fora, dentro dessa ideia de intercâmbio. O objetivo do livro era justamente esse, trazer ideias para que as pessoas aproveitassem. Esse livro foi um sucesso, tivemos que fazer uma segunda edição, o que era uma coisa rara na Editora UFMG. Eu recebia convites, por isso a gente viajou muito dando conferências. Mas em 2004 eu acabei na Prefeitura e já estava cansada.

***Você acha que o método foi assimilado academicamente no Brasil?***

Não. Acho que é justamente essa questão: o patrimônio no Brasil. Acho que o brasileiro tem uma visão contemplativa. Ele não vê que ali você tem informações que estão sendo passadas, uma valorização. Não conseguem ver como é importante a formação, a educação patrimonial. Então, isso realmente atrapalha. Falta para a gente essa noção de como você pode usar o Patrimônio. É aquela coisa, até que percebe, mas sabe aquele capitalismo selvagem? Tenho que ganhar dinheiro, tenho que fazer isso e aquilo. Acho que tem muito disso, é a maneira como se trata o Patrimônio. Quer dizer, você limpa, pinta, fica lá bonitinho, mas você não tenta tirar dele coisas que ampliam o conhecimento das pessoas.

***Aquele livro mesmo não foi traduzido, o do Tilden?***<sup>16</sup>

O dos parques naturais, né? Acho que o patrimônio construído é mais problemático, sem dúvida! Acho que o ambiental, por pior que seja a situação aqui, tem uma proteção, um olhar. Mas é aquela coisa, se você não tratar bem esse Patrimônio ambiental, a galinha dos ovos de ouro acaba.

16. TILDEN, Freeman. *Interpreting Our Heritage*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1957.

Porém, acho mais fácil você retomar essa questão da interpretação, via o meio ambiente, do que o patrimônio construído. As pessoas têm direito à paisagem, direito ao patrimônio.

***E qual é o seu conselho para um jovem pesquisador que quer trabalhar com patrimônio?***

Olha, acho que em certas áreas do conhecimento, sair daqui amplia sua cabeça. Você vai ver outras coisas. Tem que fazer pesquisa, tem que dar aula, pôr na cabeça das pessoas que isso é importante. Mas não é fácil, não.

## ERRATA

Na página 206, onde se lia:

"LUCIANA GUIZAN AURELIANO, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL. Arquiteta urbanista pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: guizan@gmail.com"

Leia-se:

"LUCIANA GUIZAN AURELIANO, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL. Arquiteta urbanista pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: guizan@gmail.com"

SERGIO ANTÔNIO SILVA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL. Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG e professor da Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais. E-mail: sas.sergiosilva@gmail.com"